

CHUCK BAZERMAN

Mais de 50 anos de compromisso ético com a academia e a educação

Rui Alexandre Alves*

* Universidade do Porto, Porto, Portugal.

Bazerman: académico, educador e americano

A primeira frase na Wikipedia sobre Charles Bazerman apresenta-o como académico, educador e americano¹. Estes três traços, dir-se-ia qualidades, estão bem patentes no texto que oportunamente a revista *Educação, Sociedade & Culturas* (ESC) resgatou da participação notável de Bazerman num seminário público que, em maio de 2016, a reitoria da Universidade do Porto promoveu sob o título “Os desafios éticos da escrita”. Esse distinto seminário foi aberto por Sebastião Feyo de Azevedo (então reitor da UP) e Alfredo de Sousa (então presidente do conselho geral da UP), e abordou os desafios éticos convocados pela escrita académica e pela escrita de intervenção pública. Além da preleção de Bazerman (então *Fullbright visiting scholar* na FPCE-UP), foram também oradores principais na sessão Frei Bento Domingues e José Pacheco Pereira.

Um outro recurso online de interesse público, o *Google Scholar*, dá bem conta do estatuto académico e da influência global de Bazerman, cujos trabalhos escritos tinham, até ao final de 2020, recebido mais de 20.000 citações e cujo índice h era igual a 53. Obviamente, a bibliometria vale o que vale e não dispensa a leitura cuidada de cada contributo escrito. Estes, no caso de Bazerman, são numerosos, mas sem abdicarem da originalidade, do rigor, da erudição e da ética. Perante estas qualidades, que os/as leitores/as da ESC podem agora apreciar numa pequena amostra, dir-se-ia até que a bibliometria fica aquém do merecido. Só um grande académico é

Correspondência: Rui A. Alves, FPCEUP, Rua Alfredo Allen, s/n, 4200-135 Porto. E-mail: ralves@fpce.up.pt

¹ “Charles Bazerman (born 1945) is an American educator and scholar”.

capaz de iluminar os desafios éticos da escrita a partir da experiência do jovem poeta, que foi, e de como este se confrontou com a opção ética de escrever uma tese de doutoramento (que defendeu em 1971). Essa opção do jovem doutorando encapsula de forma exemplar o confronto ético que a escrita de um trabalho acadêmico pode desencadear naqueles que tenham propensão metacognitiva. E assim possam descobrir que o compromisso ético na academia é com o método, o rigor, os pares, a verdade e também o desejo de adicionar... um tijolo, que seja, na construção humana do conhecimento científico.

Mas o compromisso ético do jovem Bazerman não foi apenas com a ciência e a descoberta, foi também com o valor transformador que o seu conhecimento, as suas experiências e o seu exemplo pudessem ter na transformação das vidas daqueles/as que iria ensinar. Por isso, educador é também uma característica definidora de Bazerman. Para mim, enquanto leitor do seu texto “The ethical poetry of academic writing”, esse poder educador do autor é evidente na possibilidade de quem o lê poder aprender muito mais com ele do que com o preenchimento dos formulários burocráticos que tendem a caracterizar as submissões atuais às mais variadas comissões de ética. Por isso, da próxima vez que um/a estudante me falar na necessária submissão do nosso projeto de investigação a uma qualquer comissão de ética, vou propor-lhe que primeiro leia o texto de Bazerman na ESC. Acredito que a ética não se aprende tanto nos formulários às comissões, como na reflexão sobre as consequências daquilo que, como investigadores/as, queremos fazer a outros humanos, animais ou objetos. Essa reflexão é amplamente suscitada pelo discurso que Bazerman proferiu na reitoria da Universidade do Porto em 2016. E, como ele também notou, o compromisso ético não é apenas com os objetos de estudo, mas é também com as relações deontológicas com os/as colegas, com os campos de investigação e com as disciplinas. Em suma, esses deveres éticos situam-se naquilo a que hoje chamamos integridade académica. E esta deve ser uma peça nuclear na formação de qualquer estudante, de qualquer cientista. O texto de Bazerman tem essa voz educadora, formativa e ilumina as várias dimensões da integridade académica.

Das três qualidades de Bazerman, ser americano é provavelmente a mais indistinta. Afinal, não há glória no acaso histórico de se nascer num país ou noutro. Todos os países são invenções históricas, são entidades temporárias, fluídas, sem existência na realidade física, mas com uma realidade psicológica surpreendentemente pegajosa. Por isso, como a outras identidades, as mentes humanas apegam-se aos países com grande fervor, patriótico, diz-se nesses casos. Duvido que o Chuck seja dado ao fervor patriótico, mas deixem-me partilhar duas memórias que tenho dele que pelo menos ilustram que pessoa americana ele é. Já não sei precisar onde conheci Bazerman, mas deve ter sido em 2008, pois recordo-me que usava um *pin* “Obama – Biden”. Desde então, encontrámo-nos múltiplas vezes. Numa delas, em 2017, no IV Congresso *Writing Research Across Borders* (WRAB), em Bogotá. No IV WRAB, Bazerman foi um dos ora-

dores principais e deixou uma memória cintilante a uma plateia com mais de 500 pessoas. No início da sua *keynote* e depois dos cumprimentos, Bazerman retirou um *pussybat* do bolso e fez toda a sua conferência de gorro rosa na cabeça. Desse ponto de vista, a sua lição na reitoria da Universidade do Porto foi bem mais sóbria, mas igualmente sábia.

O/A leitor/a que agora lê o texto publicado pela ESC pode até pensar que a sabedoria é uma virtude com que a experiência avançada bafeja alguns, mas o final do texto de Bazerman clarifica também essa ilusão. Ele mostra que a sabedoria não é fortuita, é simplesmente o resultado de uma escolha ética fundamental, sentar-se para...

